

LINGUAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: INVENTÁRIO DE PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA UMEI ROSALINA DE ARAÚJO COSTA

MARIA INÊS BARRETO NETTO (UMEIRAC E FAMATH), ADRIANA SANTOS DA MATA (UNIDADE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL ROSALINA DE ARAÚJO COSTA), ESPEDITA ALEXANDRA LIRA MESQUITA RAMOS (UMEI ROSALINA DE ARAÚJO COSTA).

Resumo

Vivemos numa sociedade grafocêntrica, na qual todos acessam a língua escrita de alguma forma, inclusive as crianças pequenas. Sendo assim, o trabalho pedagógico da Umei é desenvolvido na perspectiva da construção/expressão das diversas linguagens como bens culturais. Fundamentamos nosso fazer docente na intervenção pedagógica da pergunta–ação–reflexão–resposta preconizada por Paulo Freire, na teoria da enunciação desenvolvida por Bakhtin e na riqueza das interações histórico–culturais defendidas por Vygotsky. As práticas de letramento se configuram como eixo fundamental do nosso trabalho, por meio da (re)elaboração cognitiva, da inserção e da intervenção das crianças de três a cinco anos no mundo da cultura escrita, a partir de suas interações sociais discursivas, do diálogo, dos diferentes usos e práticas da língua no contexto escolar e sócio–cultural. A fim de que as crianças vivenciem eventos e atividades – no sentido bakhtiniano – de nossa cultura escrita, promovemos situações que tenham a ver com os usos da língua, com as práticas culturais, em interação permanente com os pares (adultos e demais crianças) que juntos constroem textos significativos. Os gêneros textuais são meios de articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares, que situam as práticas de linguagem. Deste modo, trabalhamos com gêneros textuais na relação entre as práticas e as atividades de linguagem. Pretendemos apresentar situações nas quais, junto com as crianças, produzimos e lemos textos de diversos gêneros, entre as quais, destacamos: produção de livro de histórias, com textos e ilustrações criados pelas crianças; lista de conhecimentos prévios e de questões sobre um tema a ser estudado; elaboração de relatório de observação de uma experiência; elaboração de convites para um evento escolar; leitura de letras de músicas e poesias; registro em texto coletivo de aulas–passeio, com a narração, as apreciações e a avaliação do grupo; estudo da vida e obra de pintores, escultores, cientistas.

Palavras-chave:

educação infantil, práticas de letramento, cultura escrita.

Neste relato de experiência, pretendemos apresentar como o trabalho com a cultura escrita vem sendo realizado na Unidade Municipal de Educação Infantil Rosalina de Araújo Costa[1], localizada em Niterói-RJ. Para isso, discutiremos brevemente o conceito de letramento que embasa o nosso fazer docente e faremos um rol descritivo de algumas práticas pedagógicas com escrita e leitura.

A Umei Rosalina de Araújo Costa

A Umeirac está situada num bairro basicamente residencial da zona norte de Niterói, atendendo crianças de três a cinco anos das comunidades próximas.

Estão matriculados 240 alunos divididos em 6 turmas em cada um dos dois turnos. Cada grupo é formado por, no máximo, 20 alunos. Nos agrupamentos, estão incluídas 12 crianças com necessidades educacionais especiais (NEEs). Desde o ano

de 2006, a escola está organizada em turmas multi-idade reunindo crianças de três, quatro e cinco anos no mesmo grupo.

A equipe pedagógica é formada por 21 professoras, uma agente educadora, duas pedagogas, duas coordenadoras de turno, uma secretária e uma diretora.

Da entrada da escola logo se vê a Casinha de Bonecas e um dos parques. No pátio coberto, as crianças participam das aulas de recreação e das festas e têm acesso aos banheiros externos. O outro parque fica à frente do pátio coberto, de onde as crianças vêem uma sala de aula. Ao lado desta sala, estão os dois refeitórios separados pela cozinha. No segundo andar desse setor, há uma sala para as reuniões de estudo e planejamento das professoras, a sala de Leitura e a sala onde se desenvolvem oficinas de artesanato com a comunidade. As salas de aula são amplas e têm banheiros infantis e portas coloridas em tons claros - laranja, amarelo, azul, vermelho e rosa. Internamente, as paredes das salas, de azulejo rosa antigo, são cobertas com murais com os trabalhos dos alunos, quadro e outras coisas. E ainda há um pátio pintado, na parte de trás das salas de aula, com grandes jardineiras ao longo da parede.

Letramento e Educação Infantil

O termo letramento refere-se às condições de uso da escrita, entendida como prática cultural e tecnologia de comunicação dos e entre os grupos sociais. Letramento compreende uma prática discursiva de determinado grupo social relacionada à escrita, mas não necessariamente às atividades específicas de ler e escrever. Aliás, muitos estudos sobre letramento têm analisado a oralidade das crianças que ainda não sabem ler nem escrever, mas podem ser consideradas letradas, visto que apresentam estratégias orais letradas, características orais letradas que elas adquirem nas práticas orais cotidianas com outras crianças e com os adultos com quem convivem. (Kleiman, 1995) Nesta perspectiva, "letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita". (Marcuschi, 2001:25)

Não é demais ressaltar a importância da linguagem escrita nas sociedades letradas e da indústria cultural, seu processo de elaboração social e histórica e suas diferentes condições e funções no mundo contemporâneo. O letramento, portanto, é fundamentalmente social, surge e se desenvolve independentemente da escola, em diferentes contextos: na família, na vida burocrática, no dia a dia, no trabalho, na atividade intelectual, na escola. De acordo com Marcuschi (Marcuschi, 2001):

Em cada um desses contextos, as ênfases e os objetivos do uso da escrita são variados e diversos. Inevitáveis relações entre escrita e contexto devem existir, fazendo surgir gêneros textuais e formas comunicativas, bem como terminologias e expressões típicas. Seria interessante que a escola soubesse algo mais sobre essa questão para enfrentar sua tarefa com maior preparo e maleabilidade, servindo até mesmo de orientação na seleção de textos e definição de níveis de linguagem a trabalhar. (p. 19)

Para nós, o trabalho com a leitura e a escrita na escola de educação infantil deve ter como objetivo ampliar o acesso à cultura letrada das crianças que, desde pequenas, estão em contato com diferentes textos escritos em casa (por exemplo, nas estampas das roupas, nas embalagens dos brinquedos e dos produtos que a mãe ou o responsável utilizam, na televisão, nos livros, no computador etc.) ou ao saírem nas ruas (na pintura e informações dos ônibus, nos painéis e panfletos de propaganda etc.). É papel da escola "dar continuidade ao diálogo que as crianças já trazem com a realidade, de várias formas, para que os vão ampliando as suas

redes de conhecimento, alargando suas sensibilidades, respondendo a algumas perguntas e criando outras". (Goulart, 2005)

A escola, lugar de "constituição de modos de ser social" e de "enraizar os sujeitos nas culturas" (*idem*), deve adensar o conhecimento que as crianças possuem e ensinar que, em diferentes situações, diferentes gêneros textuais devem ser construídos para comunicar, para lembrar, para demonstrar afeto. Escrever, na nossa sociedade, torna-se, portanto, uma necessidade.

No processo de interação dialógica, cabe à professora a função de mediadora intencional que deve acompanhar e orientar as crianças a fim de que as relações entre elas e com o conhecimento se deem de modo produtivo. Leitura e produção de textos são sua unidade de trabalho. Entendemos, tal como Goulart (2005) que:

O texto como um objeto social caracterizadamente interdisciplinar, aparece em diversos gêneros discursivos (a conversa informal, a apresentação de um trabalho, o debate, a carta, o texto da enciclopédia, a poesia, a história, entre muitos outros), cumprindo também diversas funções sociais. O texto trazendo desafios. O texto inaugurando novas formas de uso da linguagem, bem como novas linguagens.

Os gêneros textuais são meios de articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares, que situam as práticas de linguagem e possibilitam a comunicação. Sendo assim, os gêneros textuais não são aleatórios, mas tem normas. Segundo Soares (1999):

Assim, cada gênero tem as suas normas: a estrutura e a organização do texto, os recursos de coesão textual, os níveis de informatividade, a própria disposição do texto na página não são os mesmos, se se trata de uma narrativa, de uma dissertação, de uma argumentação, de um editorial, de uma notícia de jornal, de uma receita culinária, de uma bula de remédio, de um texto publicitário... (p. 64)

Não se trata, portanto, de ensinar a decifrar o código ou o sistema alfabético em si, de apresentar a gramática da língua de maneira fragmentada, mecânica, descontextualizada e sem sentido, mas de levar as crianças a experimentarem e vivenciarem diversificadas situações de leitura e escrita, a fim de que aprendam como funcionam os gêneros nas práticas de linguagem de referência. Ou seja, para o funcionamento pleno da língua, que é uma atividade situada, a contextualização é fundamental para a produção e a recepção. (Marcuschi, 2001)

Reiteramos que é papel da escola criar oportunidades para que as crianças usem a língua escrita como forma de comunicação, de interlocução, estabelecendo situações de produção de texto não de maneira artificial e repetitiva, mas dentro de um contexto no qual esta escrita seja necessária e real. Isto é, sejam planejadas situações nas quais "a expressão escrita se apresente como uma resposta a um desejo ou uma necessidade de comunicação, de interação, em que o aluno tenha, pois, objetivos para escrever, e destinatários (leitores) para quem escrever". (Soares, 1999: 70)

Inventário de práticas de letramento da Umei Rosalina de Araújo Costa

As práticas de letramento se configuram como eixo fundamental do trabalho da Umei, por meio da (re) elaboração cognitiva, da inserção e da intervenção das crianças de três a cinco anos no mundo da cultura escrita, a partir de suas interações sociais discursivas, do diálogo, dos diferentes usos e práticas da língua no contexto escolar e sócio-cultural. Para tanto, promovemos situações que tenham

a ver com os usos da língua nas práticas culturais, em interação permanente entre adultos e crianças, que juntos constroem textos significativos.

Metodologicamente, tal concepção de trabalho com eventos e atividades da nossa cultura escrita tem na dialogicidade freireana um princípio orientador - perguntação-reflexão-resposta (Freire e Faundez, 1985). Assim, nossas questões (de professoras e crianças) vão nos conduzindo ativamente - intervenção de professoras e crianças por meio da vivência de eventos e atividades de letramento - nos processos de elaborações infantis a respeito deste nosso bem cultural. As nossas práticas de letramento, portanto, não são - e não podem ser - atividades isoladas, fragmentadas e descontextualizadas. Há na ação realizada pela criança uma razão para que ela escreva e leia. Escrever e ler permitirá a ela dar asas à imaginação, saber coisas de sua curiosidade, planejar a continuidade do seu trabalho, lembrar quem ainda não fez o desenho para o livro de histórias, lembrar à mãe que ela precisa trazer determinada coisa para a escola, contar em casa sobre o que estão conhecendo na escola...

É preciso dizer ainda que fundamentamos - por meio de estudos sistemáticos - tais práticas na concepção bakhtiniana de linguagem (Bakhtin, 1992). O papel do processo de compreensão ativa e responsiva nas interações dialógicas ilumina e conduz a relação pedagógica entre professora e crianças, materializando-se nos eventos e nas atividades de letramento. Desse modo, constituem-se - as práticas de letramento - em ações inerentes ao processo infantil de criação de significados das enunciações. Por sua natureza criadora, tais ações revestem-se de um caráter transformador/criador, ou seja, tais ações se constituem em atividade prático-crítica - a *praxis* infantil. Então, do ponto de vista da organização curricular eventos e atividades de letramento se constituem em meios para a *praxis* infantil.

Descreveremos, a seguir, algumas atividades de letramento que realizamos. Optamos por fazer um rol descritivo para efeito de organização do trabalho e do nosso objetivo de apresentar um inventário de atividades que se constituem em práticas de letramento que se inter-relacionam e, por vezes, são interdependentes.

1. Álbum

No álbum - caderno de desenho que vai para casa no fim do ano - as crianças ditam para a professora escrever textos elaborados coletivamente sobre os momentos mais significativos vivenciados pelo grupo ao longo do ano, tais como as festas, as aulas-passeio e os projetos desenvolvidos. Os textos, digitados ou copiados pelas crianças, são lidos por todos na *rodinha* e depois cada uma faz o seu desenho. O álbum também traz mensagens que as crianças escrevem para os colegas, letras de músicas, e tudo o que foi importante para a turma.

2. Livro de histórias da turma

O livro de histórias é uma atividade que desenvolvemos durante o ano. A criança cria um desenho no papel e dita uma história para a professora escrever. Em seguida, são feitas cópias do trabalho para cada aluno da turma. Crianças e professora lêem a história, interpretam e depois elas coloreem, enfeitam o desenho com alguma técnica. No fim, as crianças escolhem o título do livro e assinam a capa.

Anexo 1 COLE_1005_100809070801.jpg

3. Bernal de leitura

Em 2006, a partir do trabalho com cultura popular, cujo tema foi o *Universo Cultural de Ariano Suassuna*, começamos a atividade do *Bornal de Leitura*, realizada por todas as turmas. A cada dia, uma criança escolhe um livro de história que leva dentro do bornal junto com um caderno para que a família registre como foi a experiência. Há também um espaço para a criança desenhar o que mais gostou ou lhe chamou a atenção. Os relatos dos pais e/ou responsáveis revelam que os momentos de leitura em família aproximam as crianças de seus parentes, em gestos lúdicos, afetivos, de prazer e de conhecimento.

Anexo 2 COLE_1005_100809071006.jpg

4. Bilhetes na caderneta

A caderneta ou agenda é um meio de comunicação entre a escola e a família, pois nem sempre é possível estar conversando com os pais e ou responsáveis sobre o trabalho cotidiano. Além dos avisos sobre calendário, normas de funcionamento da escola, dias de reunião, pedidos de autorização para uma aula-passeio, utilizamos a caderneta como mais uma estratégia para mostrar à família o que as crianças estão aprendendo e também como forma dos parentes aprenderem algo novo. Assim é que mandamos textos elaborados pelas crianças com as biografias dos artistas ou cientistas que a turma esteja estudando ou ensinando uma receita de docinho ou como fazer uma mosquiteira. Os bilhetes são lidos com as crianças, na rodinha, antes de seguirem para casa.

5. Atividades de rotina: planejamento do dia, quadro de horários das atividades da semana, calendário, chamada "grandona"

As atividades de rotina são muito importantes para organizar o dia. Todos os dias, no horário de entrada, as crianças sentam em roda e participam do planejamento das atividades que serão desenvolvidas naquele dia. A professora registra no quadro a pauta/agenda que é consultada ou alterada, quando necessário.

Após elaborarem a pauta, as crianças consultam o quadro de horário semanal, preparado por elas e pela professora, que representam por meio de desenho, o espaço ou a atividade que a turma terá em cada dia da semana (sala, casinha de bonecas, pátio pintado, pátio coberto, parque, sala de leitura). É montado após o grupo conhecer e vivenciar todos os espaços. Com o passar do tempo, os horários do rodízio são tão internalizados pelos alunos, que é comum vê-los explicando uns aos outros, quando querem saber o que farão naquele dia.

Cabe ressaltar que o objetivo do horário semanal é organizar a circulação de todas as turmas da escola pelos espaços, garantido que as crianças percorram todos durante na semana. Esta rotina serve como referência, como parâmetro para as turmas se locomoverem nos espaços. Porém, os horários são flexíveis, respeitando as necessidades e interesses de cada grupo.

As crianças demonstram muito interesse pelo diário de classe, documento no qual registramos a frequência dos alunos. Então, fizemos cópias ampliadas do diário, colamos na parede da sala, e uma criança a cada dia preenche a "chamada grandona", do mesmo modo que a professora anota no documento oficial (um ponto para quem está presente e uma letra F para quem está ausente).

Anexo 3 COLE_1005_100809071113.jpg

6. Procedimentos e combinados

No início de cada ano, a professora traz à discussão procedimentos e combinados da turma que devem ser lembrados e cumpridos no cotidiano. Afinal, todos os lugares têm regras e as pessoas não podem fazer tudo o que quiserem, na hora que quiserem. A partir do que as crianças entendem sobre a conversa, a professora sugere o registro para que os procedimentos e os combinados sejam sempre consultados e lembrados. As crianças, então, falam o que "não pode" e o que "pode" fazer na escola, e a professora registra em duas listas. No decorrer do ano letivo, volta-se regularmente a estas listas para consultá-las e fazer acréscimos.

7. Observação em campo

Nos projetos que realizamos, muitas vezes é necessário ir a campo para observarmos aspectos que acrescentem novas informações ao assunto que estejamos estudando. Crianças e professora saímos com prancheta, folha e lápis, e vamos anotando (com desenhos e letras) o que consideramos importante e também vamos fazendo perguntas e comentando uns com os outros o que descobrimos. Ao voltarmos para a sala, na rodinha, cada criança apresenta para as demais os dados registrados e suas impressões e, a partir de então, novas atividades são planejadas. Esta atividade investigativa é feita dentro da escola (por exemplo, procurar focos de mosquito da dengue) ou fora (ida ao horto municipal para observar as diferentes plantas; ida ao mercado para entrevistar os vendedores, ver diferentes frutas, legumes, verduras; dar a volta no quarteirão para ver que tipo de lixo é jogado na rua ou para conhecer o espaço para construir uma maquete do quarteirão; entre outras).

Anexo 4 COLE_1005_100809071925.jpg

8. Relatório de experiência

Nas atividades com experiências que exigem observação durante um tempo mais prolongado, elaboramos com as crianças um quadro de acompanhamento, dividido em três colunas com a data, o relato escrito e o desenho. Dependendo do experimento que a turma esteja realizando, a observação sistemática e seu respectivo registro podem ser diários ou semanais. Assim é que acompanhamos e aprendemos sobre o crescimento do girassol e do feijão, a decomposição de materiais orgânicos e inorgânicos enterrados no canteiro, as fases da vida do mosquito na mosquiteira.

Anexo 5 COLE_1005_100809072023.jpg

9. Jogo do boliche

O trabalho com os jogos é iniciado com o levantamento do que as crianças já conhecem a respeito deles. O jogo de boliche é confeccionado junto com crianças, utilizando material de sucata: garrafas pet, sobras de papel colorido, bola de meia.

As crianças, primeiramente, brincam à vontade, explorando as possibilidades de arrumar as garrafas, as maneiras de marcar os pontos, quantas chances cada um vai ter, de que distância e de que maneira devem arremessar a bola etc.

Nos outros momentos, são elaboradas as regras para jogar com a participação das crianças, problematizando cada situação. As regras do jogo são escritas pela professora, na frente das crianças, e afixada na parede ou no mural. No quadro ou tabela de pontuação, cada jogador registra com números, traços ou algum outro símbolo a quantidade de garrafas derrubadas.

Depois de jogar na escola, uma criança a cada dia leva o boliche para casa para jogar com os parentes ou vizinhos. Junto com o jogo, vai um caderno em que são registrados nomes, idades e pontuação dos jogadores da família, além do relato dos responsáveis sobre como foi a experiência.

10. Bingo dos nomes

Durante todo o ano letivo, realizamos atividades com os nomes das crianças. Brincamos de jogo da memória, amigo-oculto, escondemos as fichas para que as crianças encontrem, trabalhamos com as letras móveis e o quadro-de-pregas. Entre as diferentes atividades, destacamos o bingo dos nomes. As professoras confeccionam as cartelas com os nomes de cinco crianças. As crianças são divididas em duplas ou trios e jogam em colaboração. Para marcar os nomes "cantados", usamos tampinhas ou palitos de picolé. As "pedras a serem cantadas" são as fichas dos nomes.

11. Gráfico e tabelas

A linguagem matemática também é bastante trabalhada. Além do trabalho com o calendário e da contagem das crianças, em muitas situações necessitamos elaborar tabelas ou gráficos. Podemos transformar a pontuação de cada criança no jogo do bingo, por exemplo, em um gráfico no qual podemos ler com as crianças qual delas teve a maior pontuação, quem fez menos pontos, quem não marcou ponto etc.

Trabalhamos com turmas multi-idade, nas quais as crianças têm 3, 4, 5 e até 6 anos. Além da diferença de idade, há diferença de estatura e de peso. As diferenças etárias e físicas podem dar origem a gráficos e possibilitar discussões muito interessantes.

12. Biografia de artistas e cientistas

Uma das atividades que desenvolvemos nos projetos de trabalho e nos de cultura é conhecer com as crianças a vida e o trabalho de artistas e cientistas. As professoras pesquisam dados da história da vida pessoal e profissional e organizam em pasta-catálogo que passa em cada turma. Assim as crianças são convidadas a se transportarem para o mundo destes artistas ou cientistas, de acordo com o projeto que está sendo realizado, e começam a fazer relações com a vida cotidiana, a levantar questionamentos sobre o trabalho, o contexto em que aquele artista ou cientista viveu, e a solicitar mais informações sobre sua família.

Quando no ano de 2004, por exemplo, fizemos um estudo sobre a Arte Naïf (Barreto Netto *et al.*, 2006), aspectos da vida e da obra de alguns pintores revelaram laços de identificação com a vida das crianças de nossa comunidade escolar, o que levou a uma compreensão significativa da realidade. Além disso, foi um momento muito rico por possibilitar que as crianças e suas famílias conhecessem diversos bens culturais produzidos por pessoas com origens e histórias de vida semelhantes às deles.

13. Apresentação oral dos trabalhos produzidos

Relatar, oralmente, para os colegas das outras turmas o processo de trabalho que resultou na construção de uma maquete ou escultura, explicar o que aprenderam sobre a dengue ou sobre a vida de determinado artista para os pais ou responsáveis, é uma atividade de letramento que desafia a criança a elaborar no nível abstrato uma tarefa que ela executou em interação com os colegas, com outra dinâmica, na prática.

É necessário adotar uma postura de palestrante, organizando e elaborando o pensamento para falar sobre o porquê do grupo ter escolhido fazer tal trabalho, que materiais foram usados, que informações a turma conseguiu.

Considerações finais

As discussões sobre alfabetização, escrita e leitura ocupam amplo espaço no debate acadêmico. Discutem-se os métodos para alfabetizar, o material didático, a formação do professor, a avaliação. Numa sociedade como a nossa, preocupada com os resultados estatísticos muito mais do que com a qualidade, o lugar ocupado pela escrita é muito estreito na prática escolar, em relação ao papel fundamental que ela desempenha no desenvolvimento cultural da criança. Ensina-se as crianças a desenhar letras e construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se de tal forma a mecânica de ler o que está escrito que acaba-se obscurecendo a linguagem escrita como tal. (Vigotsky, 1991:119)

Mas em muitas escolas, este panorama está mudando, com o planejamento sério, o estudo, a articulação entre teoria e prática. Na experiência da *Rosalina*, além das atividades elencadas acima, são realizadas outras práticas de letramento, de acordo com o contexto, as necessidades e os interesses de cada turma: releitura de histórias e de obras de arte; leitura de mapas e notícias de jornais; leitura e produção de músicas e poesias; confecção de placas e avisos; produção de convites, cartas e outras mensagens; criação de peças de teatro e história em quadrinhos; entrevistas; listas; receitas, entre outras.

Não pretendemos aqui prescrever receitas ou modelos e sim mostrar que é possível trabalhar a cultura escrita com crianças pequenas, pois na nossa dinâmica de trabalho, a ação de escrever vai se tornando uma necessidade para comunicar, para lembrar, para demonstrar afeto, para brincar etc.

A escola é o *locus* privilegiado no qual a linguagem escrita deve ser trabalhada não de modo artificial, mas como produto e processo histórico e cultural. A escrita é um instrumento importantíssimo com o qual a criança-sujeito vai operar para transformar o mundo social e ela mesma. É dever da escola, por meio do processo de interação e de diálogo, ampliar as formas das crianças serem e estarem neste mundo.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. (V. N. Volochínov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BARRETO NETTO, Maria Inês; AGUIAR, Lilian Cristina Azevedo Teixeira de; MELRO, Renata dos Santos; MATA, Adriana Santos da. Arte Naif e outras Artes na Educação Infantil. In: MEC - Secretaria de Educação Básica. (Org.). *Prêmio Professores do Brasil*. Brasília, 2006, p. 23-29.

FREIRE, Paulo e FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GOULART, C. M. A. Histórias de crianças, linguagem e educação infantil. *Cadernos de Pesquisa em Educação PPG*. UFES, Vitória, ES, v. 11, n. 22, p. 139-157, 2005.

KLEIMAN, Angela. *Oficinas de Leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes, 1993.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela B. (org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita* Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995, p. 15-61.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

SOARES, Magda. Aprender a escrever, ensinar a escrever. In: ZACCUR, E. (org) *A magia da linguagem*. Rio de Janeiro: DP&A, SEPE, 1999.

_____. *Linguagem e Escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Ática, 2002.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1991, 4ª Ed.

[1] Utilizaremos também as siglas *Umeirac*, *Umej*, ou, simplesmente, *Rosalina*, quando nos referirmos ao nome da escola.









OBSERVAÇÃO DA ARMADILHA DO MOSQUITO DA DENGUE:

DATA	REGISTRO	DESENHO
25/03/2008 26/03/2008	FIZEMOS UMA ARMADILHA E COLAMOS NA SECRETARIA, BANHEIRO E PÓRTO DE INHA (ALADARE VATAE) E NA HONDA DE BOTA.	
03/04/2008	NA ARMADILHA QUE ESTAVA NA AZECREARIA ENCONTRAMOS OS ELIMINOS DO MOSQUITO PEDURAP. ARMADILHA RECTALIAN VAZIA	
09/04/2008	AS LARVAS ESTÃO MAIORES EM ERMELAS PORQUE ELAS COMERAM A LARVAS.	
24/05/2008	ALARGAMOS O REDOZÃO DE 150 PRA 300 E AGORA TEM NA NOSSA ARMADILHA MOSQUITOS DA DENGUE RA SÃO VERMELHAS, NA OSSIO	
20/05/2008	LARVAS VERMELHAS ESTÃO EM QUANTIDADE MUITA PORQUE NÃO TEMOS NADA PARA ELAS.	
12/05/2008	APARECEU UMA LARVA QUE ABONTE ALHARQUE É DO MOSQUITO BEM PEQUENINHA VERMELHAS CONTINUA A MUITAS.	